

A brincar com a luz criei uma história

¹ Alexandra Baudouin

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.136>

Não devemos esquecer que a lei fundamental da arte criadora infantil deve ser a de que o seu valor não reside no resultado, no produto da obra criadora, mas no próprio processo.

Lev Vygotsky, (2009)

Associamo-nos a esta reflexão coletiva para a comemoração do 10º aniversário do Mestrado de Educação Artística da ESELx apresentando alguns processos dentro desta área que temos desenvolvido com grupos de crianças, jovens e adultos.

O nosso trabalho, implementado em formato de oficinas de arte, tem-se desenvolvido a partir do programa “A brincar com a luz criei uma história”, que tem linhas orientadoras assentes nos fundamentos das experiências pedagógicas do artista Bruno Munari (1907-1998), na exploração da imaginação e das interações sociais de acordo com as teorias do desenvolvimento humano do psicólogo Lev Vygotsky (1896-1934).

A investigação que temos desenvolvido, enquanto docente de expressão plástica e facilitadora em ações de educação artística, tem-se revelado um campo de intervenção que promove o conhecimento de obras de arte, assim como, amplia a capacidade de expressão através de processos artísticos e criativos que integram várias áreas do conhecimento, proporcionando um desenvolvimento integral da criança (Almeida, 1980; Gonçalves, 1991; Kandinsky, 2013; Munari, 2007; Read, 1982; Vygotsky 2009).

Algumas considerações como ponto de partida apontam a importância de programas de educação artística por entenderem que os processos artísticos são potenciadores do desenvolvimento da sensibilidade estética, da capacidade de expressão, da educação do olhar e da resolução de problemas de forma inovadora e criativa. A promoção de programas que abarcam grupos diferenciados, seja de proveniência ou faixa etária, demonstra a relevância do desenvolvimento das expressões e das linguagens em ambiente de

¹ Licenciou-se em Artes Plásticas (Escultura), tem Mestrado em Educação Artística, é Doutoranda na área de Ciências da Arte na FBAUL. Desenvolve trabalho na área da educação artística, investigação dos processos criativos e sua implicação no desenvolvimento individual de crianças, jovens e adultos.

educação cooperativa, promovendo o respeito pela produção e interpretação dos outros (Eisner, 2014).

Deste modo, tem-se mostrado relevante que as atividades expressivas, criativas e estéticas estejam presentes durante o percurso do desenvolvimento integral do ser humano. As expressões deverão estar centradas nas capacidades individuais sem obrigação de criação de obras de arte, mas fazendo parte da comunidade onde os indivíduos estão inseridos permitindo aprendizagens transdisciplinares.

O desenho dos programas que temos trabalhado apoia-se principalmente no movimento surrealista, nomeadamente, nas técnicas de automatismo e processos de criação coletivos, particularmente, o *Cadavre Exquis*. Mas também em experiências pedagógicas do artista e pedagogo italiano Bruno Munari, principalmente no campo de processos de criação que interligam a imaginação, a criatividade e a experimentação, a que ele chamou “Laboratórios” e que forneciam, segundo este autor, ferramentas criativas que tornariam o pensamento das crianças mais livre (Munari, 2007).

Os “Laboratórios” permitiam à criança familiarizar-se com técnicas artísticas, para classificar e relacionar diferentes objetos e experimentar combinações invulgares, estimulando a criatividade e o pensamento investigativo. Do ponto de vista de Munari, era necessário fornecer ferramentas criativas às crianças que possibilitassem a sua formação com uma “mente mais elástica, mais livre, menos bloqueada, capaz de tomar decisões” (Restelli, 2002, p. 29).

“As Projeções Directas” (Munari, 2007, p. 131) foi o nome atribuído pelo autor ao laboratório de construção e exploração de imagens através do recorte e colagem de materiais diretamente nos caixilhos de slides, posteriormente projetados por um projetor de slides: “com esta técnica vê-se logo grandíssimo e luminoso, o trabalho da criança” (Munari, 2007, p. 131).

O trabalho de Munari e em particular “As Projeções Directas” foram inspiradores para a criação do programa de educação artística “A brincar com a Luz criei uma história”, constituído por várias oficinas que estimulam os participantes à descoberta através da expressão livre. O trabalho desenvolvido com recurso ao projetor de slides e ao retroprojetor viabiliza a observação da forma como a luz define a matéria e na exploração plurisensorial dos materiais.

As estruturas destes programas incidem mais no processo criativo e artístico e menos nos resultados entendidos como obra artística acabada (Vygotsky, 2009). Este sistema de trabalho possibilita que os participantes façam as suas escolhas durante o processo de criação, permitindo-lhes encontrar respostas afetivas que se concretizam em objetos artísticos, num percurso potenciador de uma experiência artística (Dewey, 2005). Sobre a união entre sentidos, sentimentos e instrumentos na criação artística Dewey refere que:

Toda a arte envolve órgãos físicos, como o olho e a mão, o ouvido e a voz e, no entanto, ela ultrapassa as meras competências técnicas que estes órgãos exigem. Ela envolve uma ideia, um pensamento, uma interpretação espiritual das coisas e, no entanto, apesar disto é mais do que qualquer uma destas ideias por si própria. Consiste numa união entre o pensamento e o instrumento de expressão. (Dewey, 2002, p.76)

As metodologias aplicadas durante as oficinas fazem um processo de análise do todo para os detalhes, nos elementos expressivos, criando a possibilidade de observação de uma dada imagem como se contemplada ao microscópio.

Assim, o programa de educação artística, “A brincar com a Luz criei uma história”, experimenta os seguintes princípios:

- Apresentar um modelo de educação artística que estimule a criatividade trabalhando a partir da imaginação.
- Apresentar detalhadamente o retroprojetor, o projetor de slides e os materiais, assim como as suas características e funcionamento.
- Construir uma imagem onde o uso do desenho não é obrigatório. Prescinde-se da utilização de caneta ou lápis. “Desenhar” com a tesoura ajuda a descobrir as características dos materiais e gera equidade do desenho no grupo.
- Questionar como a imagem é alterada pela projeção de luz.
- Mostrar como construir e reconstruir uma imagem.
- Analisar como uma mensagem visual é recebida.
- Despertar o interesse das crianças e jovens para a investigação e a experimentação na criação artística.
- Desenvolver no trabalho de grupo competências para a tolerância e a compreensão de personalidades diferentes.

Os participantes constroem os seus slides com os materiais disponíveis. Alguns tornam-se quase tridimensionais, componente relevante para a observação da ação da luz sobre a matéria. As imagens projetadas aproximam-se da linguagem surrealista e abstrata. O desenho automático é efetuado através das projeções dos slides sobre grandes folhas de papel convertendo o trabalho individual numa composição coletiva. A transformação operada pela luz torna-se mágica na transição do objeto construído para a imagem projetada, seja pela alteração da escala ou das cores, inversão da imagem em todos os eixos. Nalguns casos o efeito do calor da luz produz movimento e estes acontecimentos fantásticos cativam os participantes para realizarem novos ensaios.

Do debate das escolhas dos materiais e da análise dos elementos expressivos das imagens obtêm-se narrativas coletivas para os slides construídos ao longo das oficinas.

O programa permite a construção de outras formas de conhecimento através da aprendizagem cooperativa e contribui para encontrar uma expressão plástica individual inserida num coletivo artístico:

Gostei de aprender a usar o slide e a construir arte em miniatura. (Relato de criança, 13 anos)

Não é preciso que tudo fique bem e não temos de fazer coisas reais. (Relato de criança, 10 anos).

Os participantes deste género de programa aprendem a trabalhar com a singularidade dominando técnicas novas e a compreenderem as regras da linguagem visual sendo simultaneamente produtores e observadores de mensagens. A promoção de uma linguagem que se situa entre a técnica e a estética procura fornecer várias direções em busca de respostas, despertando novos caminhos que estimulam a capacidade criadora. É talvez esta confiança no poder criador e a libertação de juízo crítico acerca da produção plástica que importa reforçar em programas de educação artística.



Figura 1. Conjunto das projeções dos slides. Fotografia: Alexandra Baudouin

Referências

- Almeida, B. (1980). *A Educação estético-visual no ensino escolar*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Dewey, J. (2002). *A Escola e a Sociedade. A Criança e o Currículo*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Dewey, J. (2005). *Art as Experience*. New York: Perigree Book.
- Eisner, E. W. (2014). *El Arte y la Creación de la Mente*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.
- Gonçalves, E. (1991). *A Arte Descobre a Criança*. Amadora: Raiz Editora.
- Kandinsky, W. (2013). *Do Espiritual na Arte* (M. H. Freitas, Trad.). Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Munari, B. (2007). *Fantasia*. Lisboa: Edições 70.
- Read, H (1982). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Restelli, B. (2002). *Per una educazione plurisensoriale secondo il metodo Bruno Munari*. Milão: Franco Angeli.
- Vygotsky, L. (2009). *A imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.